

## A escuta do crítico

Carla Cavalcanti e Silva<sup>1</sup>

Resenha do livro *Escritura na era da indeterminação* de Philippe Willemart. São Paulo: Perspectiva, 2019.

O LIVRO DE PHILIPPE WILLEMART, INTITULADO *A ESCRITURA NA ERA DA INDETERMINAÇÃO* é fruto de quatro anos de pesquisas junto ao projeto coordenado por Daniela Tononi, da Universidade de Palermo, que versou sobre as relações entre Crítica Genética e sistemas caóticos. Dividido em cinco partes, o livro reúne uma série de artigos e conferências nos quais Willemart pode desenvolver análises e reflexões sobre os manuscritos proustianos, a Crítica Genética, Mente e Física, Henry Bauchau e Murakami e Efeitos de Leitura.

Willemart elabora suas costumeiras relações entre Literatura e Psicanálise, ampliando essa reflexão a partir do diálogo com a Física e as teorias de cérebro e mente, perpassando os manuscritos, assim como as obras publicadas, dos escritores supracitados.

Essa reunião de artigos e conferências traz como eixo nodal discussões que há muito Willemart vem fazendo ao longo de suas pesquisas e obras críticas<sup>2</sup>, mas é sempre muito interessante notar o quanto os conceitos já amplamente trabalhados de texto móvel, roda da escritura, roda da leitura, pulsão invocante, ganham novo frescor à luz das pesquisas do psiquiatra e psicanalista suíço François Ansermet, que incidem sobre a relação de inconsciente, cérebro e mente, dos trabalhos do médico e físico-químico estadunidense Gerald Edelman, que consistem em analisar o cérebro e as percepções e do físico francês Thibault Damour que discorrem sobre conceitos de espaço-tempo.

Além de trazer ao leitor referências muito atuais sobre os referidos temas, o uso dessas teorias por Willemart permite que ele, em um movimento bastante proustiano, dê um novo giro em torno das questões que lhe são muito caras, tal como o faz o narrador do *Em busca do tempo perdido*, para o qual:

Assim cada indivíduo – eu inclusive – dava-me a medida da duração pelo giro que realizava em torno não só de si mesmo como dos outros, e notadamente pelas oposições que sucessivamente ocupava em relação a mim. E, sem dúvida, todos esses planos diferentes, segundo os quais o Tempo, desde que, nesta festa, eu o recapturara, dispunha minha vida, aconselhando-me a recorrer, para narrar qualquer existência humana, não à psicologia plana em regra usada, mas a uma espécie de psicologia no espaço<sup>3</sup>.

Essa “psicologia no espaço”, ou melhor, essa revolução em torno das pessoas e de si mesmo aludida pelo narrador proustiano, encontramos-la na obra de Willemart, em especial em seu último livro. Proustiano de

---

<sup>1</sup> Professora de Língua e Literatura Francesa na Universidade Júlio de Mesquita Filho – UNESP/Assis.

<sup>2</sup> Cf. as obras **Os processos de Criação em À sombra das raparigas em flor. A pulsão invocante e a Psicologia no Espaço em Proust**. São Paulo: Ateliê, 2016. **Psicanálise e Teoria Literária: O tempo lógico e as Rodas da Escritura e da Leitura**. São Paulo: Perspectiva, 2014 e **Proust, poeta e psicanalista**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

<sup>3</sup> PROUST, Marcel. **O tempo redescoberto**. Trad. Lúcia Miguel Pereira. São Paulo: Editora Globo, 2013, p. 386.

longa data, Philippe Willemart adota essa postura de revolucionar em torno dos manuscritos e das teorias já construídas, no intuito de descobrir algo a mais, de entendê-los por outro ângulo, como se quisesse, a cada giro, acrescentar mais camadas de compreensão, chegando a abordagens mais complexas e completas sobre os processos de criação. Contudo, o que sobressai fortemente na leitura desse livro é não mais o fato de Willemart buscar decifrar uma espécie de enigma da escritura, já que seus anos de pesquisa foram mostrando que esse enigma é irresolúvel, mas de ilustrar o quanto nós, pesquisadores dos manuscritos literários, também somos tocados pelo “grão de gozo”, base na pulsão invocante que nos faz ouvir as rasuras, as frases, as palavras inscritas pelos escritores em seus mais diversos documentos de criação.

O livro de Willemart ressalta que, mais do que uma atitude hermenêutica e interpretativa dos manuscritos, o crítico genético deve, primeiramente, “mexer as orelhas”, como diz Pascal Quignard<sup>4</sup>, buscar escutar os manuscritos, essas várias camadas de rasuras, acréscimos, margens, assim como o escritor, por seu turno, escuta a literatura, a cultura e a língua para escrever: “O escritor está atento ao sentido novo que pode ouvir tanto na tradição quanto nas palavras que ele deita no papel ou na tela. É a pulsão invocante trabalhando, e não a inteligência ou o raciocínio”<sup>5</sup>.

Essa postura de escuta faz parte da noção de Roda da Leitura criada por Willemart, na qual descreve o leitor no seguinte movimento: ele escolhe um livro, guiado por um desejo, mergulha no texto, numa atitude passiva, refletida pela pulsão escópica e aqui Willemart acrescenta igualmente a pulsão oral, indicando que o leitor quer “devorar” o livro, o universo do escritor, para posteriormente, ouvir a pulsão invocante, parar diante dessa “escuta” e perder suas referências. Essa perda é transformadora, à medida que insere o leitor na experiência do gozo (contentamento e/ou sofrimento), o que pode fazer com que ele continue ou pare a leitura.

Partindo da premissa que as pesquisas também fazem parte de um mundo criativo, cabe ao crítico genético a mesma atitude de escuta do escritor e do leitor; e assim como o escritor, relendo seus manuscritos, deixa decantar as percepções que promovem uma série de reentradas no cérebro<sup>6</sup>, o crítico genético deve depurar suas escutas e percepções:

A respeito disso, diria melhor, “deixemos a mente pensar e trabalhar à vontade”; bastará estarmos suficientemente à espreita para nos tornarmos instrumento da pesquisa e não somente seu condutor.

Em outras palavras, o cérebro trabalha sem nossa consciência ou em nossa ausência, como Valéry pensava<sup>7</sup>.

Proposta que pode parecer absurda, uma vez que a primazia da razão e da autoridade do discurso crítico ainda vigoram fortemente no ambiente acadêmico. Mas basta ler os trabalhos de Willemart para ter um modelo brilhante de como um crítico pode deixar-se guiar pela escuta e pelo seu grão de gozo.

Cabe então mencionar o que Willemart propôs escutar em suas vastas pesquisas sobre manuscritos de escritores.

---

<sup>4</sup> WILLEMART, Philippe. **Escritura na era da indeterminação**. São Paulo: Perspectiva, 2019, p. 56.

<sup>5</sup> Ibidem.

<sup>6</sup> Ibidem, p. 31.

<sup>7</sup> Ibidem, pp. 125-126.

No caso de Marcel Proust, Willemart leu/escutou, a partir das rasuras contidas nos cadernos de rascunhos e nas provas do primeiro volume *No caminho de Swann*, o quanto a temática do tempo perdido atravessou, desde o início, a escritura proustiana, ainda que o escritor não tivesse total consciência disso e ainda não vislumbrasse o tema como título principal de sua obra.

Willemart aponta para o fato de Proust abordar, de forma enviesada, o tema do tempo perdido, primeiramente por meio da igreja de Combray, substituída posteriormente pela personagem Albertine, para depois, tornar-se tema e título principal.

Esse e outros exemplos ilustram o quanto o projeto de escrita de Marcel Proust foi marcado por certo determinismo – falar do tempo perdido e reencontrado, por meio do desejo do protagonista em tornar-se escritor – e por forte imprevisibilidade que desemboca na criação da personagem Albertine que ganha enorme espaço e relevância no romance.

Partindo da física para entender essa dinâmica encontrada nos manuscritos de Proust, Willemart utiliza como imagem o conceito de atrator, conjunto de comportamentos característicos para o qual evoluiu um sistema dinâmico, independentemente do ponto de partida. Em física, o atrator estranho seria uma espécie de flutuação contínua caótica, termo que se aproxima eficazmente dos processos criativos de Marcel Proust.

O atrator em Proust seria então o tempo perdido e seus desdobramentos, como a personagem Albertine, que está sempre “deformando a narrativa”<sup>8</sup>, e aqui, não se trata somente de entender essa deformação no espaço-tempo descritos na física, mas de uma desconstrução da forma que Proust vai dando ao romance, criando um sistema caótico e imprevisível, que coloca o leitor em contato com as inúmeras potências às quais poderiam chegar uma obra literária.

Evidentemente, é preciso levar em consideração que essa forma de criar, tão característica em Marcel Proust, não encontra tantas reverberações nas maneiras de criar de escritores que o antecedem. Isso ocorre porque, diferentemente de um Balzac, de um Stendhal, de um Flaubert, que atribuem desejos bem marcados aos seus personagens, Proust tinha em mente a importância do inconsciente, daquilo que está oculto e impossível de ser apreendido, algo que aparece nos manuscritos do escritor e psicanalista belga, Henry Bauchau. Talvez por isso, Proust, em seu processo de elaboração da obra, deixou-se levar por essa mesma matéria oculta, essa decantação das percepções, essa “*cosa mentale*” da qual trata o narrador proustiano, em uma atitude passiva e de escuta de suas frases.

Uma das passagens mais belas do livro de Willemart é quando ele escande as primeiras frases do *Em busca do tempo perdido*, como se fossem versos, demonstrando que o ritmo criado de 2/7 fez com que Proust retomasse a frase inaugural “Longtemps je me suis couché de bonne heure”, que havia sido rasurada, pois ela estava em uníssono com as demais frases do parágrafo, que também continham essa divisão 2/7<sup>9</sup>. Esse exemplo revela o quanto o escritor estava de ouvido atento, escutando sua obra e sinaliza que o tempo buscado também era o do ritmo da frase: “O ritmo 2/7 desapareceu, o que provavelmente explica, em parte, a rasura imediata do acréscimo. Com o ritmo retomando força, o narrador só podia transcrever ‘longtemps je me suis couché de bonheur’<sup>10</sup>”.

---

<sup>8</sup> WILLEMART, Philippe. **Escritura na era da indeterminação**. São Paulo: Perspectiva, 2019, p. 49.

<sup>9</sup> *Ibidem*, pp. 115-116.

<sup>10</sup> *Ibidem*.

Em certa altura, o leitor do livro de Philippe Willemart começa a entender o que une os escritores Flaubert, Proust, Bauchau e Murakami nos estudos do crítico. Todos, em alguma medida, escutavam para criar.

Seja a escuta das frases lidas em voz alta, por Flaubert, seja a escuta do ritmo da frase e das passagens imprevisíveis, em Proust, seja a escuta do inconsciente e dos “povos das pedras”, em Henry Bauchau, e do “little people”, personagens de Murakami<sup>11</sup>.

Esse elemento como um dos fatores preponderantes da criação abre uma senda para Willemart levantar a hipótese de múltiplas autorias no manuscrito. Se o estudo dos pré-textos aponta para o escritor como um instrumento da escritura e do *scriptor*, dessa instância que só aparece na escritura, o componente da escuta amplia o leque, fazendo com que além da voz do *scriptor*, o escritor entre em contato com inúmeras vozes ligadas à tradição literária, à cultura e aos diversos autores que atravessam os manuscritos:

Podemos comparar a escritura com a construção de uma catedral? Sim, se compararmos o fruto de cada página ao trabalho de um escultor ou de um pintor que colaborou para ornamentar o monumento. Destituímos de sua autoridade o autor que assina o final da obra, atribuindo cada versão ou cada unidade a um autor diferente, entendendo que quem o público nomeia autor é somente um relator ou um porta-voz, ou alguém que reúne os autores sucessivos.<sup>12</sup>

Tal leitura partindo dos manuscritos vem somar e contribuir para a tese barthesiana da morte do autor, na qual o crítico francês desestabiliza o poder de autoridade e paternidade do autor sobre sua obra, retirando do crítico esse desejo hermenêutico, quase exegético de descobrir a intenção do autor, ou a mensagem que se encontraria por trás da obra<sup>13</sup>. No livro de Willemart, percebemos o quanto o escritor está à serviço e à escuta do pensamento do *scriptor*, e não pode controlar de maneira totalmente consciente a obra que cria.

Nestes termos, o livro convida o leitor e sobretudo, o crítico genético a se colocar nessa posição de escuta, de instrumento da pesquisa, como dito anteriormente, mimetizando, dessa forma, seu objeto de estudo.

E assim como o escritor sai marcado do embate com a escritura e a língua, o leitor e crítico não são mais os mesmos após a leitura de obras literárias e de manuscritos. Todos, sem exceção, saem marcados, assim como Jacó em sua luta com o Anjo<sup>14</sup>. Essa marca consiste em acrescentar à visão particular do crítico, outras formas de olhar que o leitor/crítico adquire ao ler manuscritos:

Não se trata, portanto, de abandonar o passado ou o que o leitor pensou até então, mas de refazer seu mapa erótico, filosófico, literário e artístico, alargá-lo a outras dimensões, reconhecendo que a parte dele implicada serviu de gancho<sup>15</sup>.

---

<sup>11</sup> Ibidem, p. 153. Nesta parte, Willemart tece análises interessantes sobre o que representam os personagens “povos das pedras” no romance *Édipo na Estrada* de Bauchau e os personagens “little people” do romance *1Q84* de Murakami.

<sup>12</sup> WILLEMART, Philippe. **Escritura na era da indeterminação**. São Paulo: Perspectiva, 2019, p.59.

<sup>13</sup> BARTHES, Roland. A morte do Autor. In: **Rumor da Língua**. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: wmf Martins Fontes, 2012.

<sup>14</sup> WILLEMART, Philippe. **Escritura na era da indeterminação**. São Paulo: Perspectiva, 2019, p. 65.

<sup>15</sup> Ibidem, p. 176.

Ao final, cabe ao leitor-crítico reavaliar a sua visão, analisando “o impacto da leitura em sua prática”<sup>16</sup>, ampliação, giro ou revolução, nos termos proustianos, que só podem vir de certa dose de curiosidade e de passividade, de deixar-se tocar pelo objeto de estudos.

Essa citação de Willemart é um exemplo claro de como, enquanto crítico, deixou-se tocar pelos escritores que leu. Como não escutar, nesse trecho, a reverberação de um belíssimo texto do último volume do *Em busca do tempo perdido*, no qual o narrador afirma:

Só pela arte podemos sair de nós mesmos, saber o que vê outrem de seu universo que não é o nosso, cujas paisagens nos seriam tão estranhas como as porventura existentes na lua. Graças à arte, em vez de contemplar um só mundo, o nosso, vemo-lo multiplicar-se, e dispomos de tantos mundos quantos artistas originais existem, mais diversos entre si do que os que rolam no infinito, e que, muitos séculos após a extinção do núcleo de onde emanam, chame-se este Rembrandt ou Vermeer, ainda nos enviam seus raios.<sup>17</sup>

E é assim que devemos ler o livro de Willemart, uma crítica que deixou-se tocar e ampliar, e que propõe, mais do que análises de manuscritos e estudos de cronologias e etapas de redações, multiplicações de leituras, de escutas. Escutemos!

Recebido em: 15 de dezembro de 2020

Aceito em: 19 de dezembro de 2020

---

<sup>16</sup> Ibidem.

<sup>17</sup> PROUST, Marcel. **O tempo redescoberto**. Trad. Lúcia Miguel Pereira. São Paulo: Editora Globo, 2013, p. 240.